

O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA SISTEMATIZAÇÃO DE ESTUDOS PRECEDENTES

Rosilane Damazio Cachoeira ¹

Marlene Zwierewicz

Danielle Engels da Silva

Juliana Cidade Soares

Luana Batista dos Santos

Resumo: O *bullying* é um fenômeno que permeia a realidade da escola, apesar de se caracterizar como um comportamento ainda muito invisível em decorrência de vários fatores que o tornam oculto, afetando, especialmente, crianças e adolescentes que sofrem as consequências de processos agressivos contínuos. Este estudo tem como objetivo sistematizar a produção científica referente ao *bullying*, destacando pesquisas brasileiras que têm relação com o contexto escolar. Amparado pelos métodos bibliográfico e comparativo e pelas abordagens qualitativa e quantitativa, ele envolveu a análise de 10 artigos científicos disponíveis na base de dados SciELO. Os resultados dessa análise evidenciam que: (i) os periódicos que mais publicam estudos que associam *bullying* ao contexto escolar são relacionados à área da Psicologia; (ii) as publicações são recentes e se intensificam nos últimos três anos; (iii) as instituições universitárias de origem dos autores e as temáticas são diversificadas; e (iv) o conceito de *bullying* de referência deriva de diferentes autorias, ainda que predomine o uso de um autor. A análise comparativa dos conceitos compilados, por sua vez, revela o caráter agressivo e contínuo de um fenômeno que provoca, entre outras consequências, o isolamento e a redução do rendimento escolar.

Palavras-chave: Bullying. Contexto escolar. Psicologia. Educação.

BULLYING IN THE SCHOOL CONTEXT: A SYSTEMATIZATION OF PREVIOUS RESEARCHES

Abstract: Bullying is a phenomenon which occurs in the school context, despite of its little visibility due to different factors that conceal it. Particularly, it affects children and teenagers who suffer the consequences resulting from constant aggressive processes. The goal of this research is to systematize the scientific production on bullying, laying emphasis on Brazilian researches related to the school context. This research involved the analysis of ten papers available in SciELO database, using the bibliographic and comparative analysis methodologies and both the quantitative and qualitative approaches. The result show that the scientific journals that publish the most papers linking bullying and school context are related to the area of Psychology; the publications are recent and have increased over the past three years; the author's university of origin and the topics are diverse and the concept of bullying used come from different authorships, despite of the fact that prevails just one author as the main source. The comparative analysis of those concepts reveals the aggressive and continuous character of a phenomenon which leads to, among other consequences, isolation and reduction of school performance.

Key words: Bullying, school context, Psychology, Education.

¹ Dados das autoras ao final do artigo.

ACOSO EN EL CONTEXTO ESCOLAR: UNA SISTEMATIZACIÓN DE ESTUDIOS PRECEDENTES

Resumen: El acoso escolar (también conocido como hostigamiento escolar o por bullying en inglés) es un fenómeno presente en el contexto escolar, a pesar de ser un comportamiento todavía poco visible como resultado de otros factores que lo ocultan, afectando, sobre todo, a los niños y adolescentes que sufren las consecuencias de procesos agresivos continuos. El objetivo de este estudio es sistematizar la producción científica referente al acoso escolar, llamando la atención sobre las investigaciones brasileñas relacionadas con el contexto escolar. Usando como base el método bibliográfico y el comparativo, además del enfoque cualitativo y cuantitativo, el estudio abarcó el análisis de diez artículos que están disponibles en la base de datos SciELO. Entre los resultados destaca la evidencia de que las publicaciones periódicas que más divulgan estudios que vinculan el acoso al contexto escolar están relacionadas con el área de la Psicología; las publicaciones son recientes y se intensificaron en los últimos tres años; las instituciones universitarias de origen de los autores y las temáticas son diversificadas y el concepto de acoso escolar que se usa como referencia se deriva de diferentes fuentes autorales, si bien predomina el uso de un autor. El análisis comparativo de esos conceptos revela el carácter agresivo y continuo de un fenómeno que provoca, entre otras consecuencias, el aislamiento y la reducción del rendimiento escolar.

Palabras clave: Acoso escolar, Bullying, Psicología, Educación.

Introdução

O *bullying* constitui um fenômeno social complexo, que pode se manifestar em qualquer contexto, mas que apresenta especificidades quando acontece no ambiente escolar. Neste, se caracteriza, muitas vezes, como uma prática velada, resultando em consequências dramáticas, independentemente das condições sociais e econômicas dos agressores, vítimas e testemunhas (Dalosto e Alencar, 2013).

Weimer e Moreira (2014) também chamam a atenção para a característica velada e silenciosa do *bullying* e lembram que ele se constitui em uma categoria específica de violência ou comportamento agressivo, que tem, entre seus resultados, a ansiedade, a insegurança e a dificuldade de relacionamento. Destacam também que, em muitos casos, as vítimas reduzem sua autoestima, tornam-se depressivas e, apesar de não serem agressivas, podem se tornar provocativas, deixando lacunas que sinalizam aos agressores a fragilidade e a incapacidade de se defenderem das agressões.

Considerando a gravidade desse fenômeno e a dificuldade de as escolas implantarem políticas para sua erradicação, este estudo centrou seu objetivo na possibilidade de sistematizar a produção científica referente ao *bullying*, destacando pesquisas brasileiras que têm relação com o contexto escolar. Pautou-se também nos seguintes objetivos específicos: (i) identificar a área de vinculação dos periódicos de publicação de artigos científicos que abordam o *bullying* no contexto escolar; (ii) mapear cronologicamente a publicação dos artigos científicos; (iii) levantar as instituições universitárias brasileiras de origem dos autores das publicações; (iv)

conhecer as temáticas implicadas nos artigos científicos selecionados; e (v) comparar o conteúdo que constitui os conceitos referenciados pelos artigos analisados.

Para realização deste estudo, optou-se pelos métodos bibliográfico e comparativo, bem como pelas abordagens quantitativa e qualitativa. Esses encaminhamentos metodológicos possibilitaram a análise de 10 artigos científicos que incluem o termo *bullying* no título e expressam estudos que se vinculam ao contexto escolar, selecionados entre os 51 artigos acessíveis na base de dados SciELO quando se faz nela uma busca utilizando o termo *bullying*.

Além dos resultados alcançados, são registrados aspectos que delimitam o conceito de *bullying*, caracterizam os agressores, as vítimas e as testemunhas e indicam possíveis consequências, além de contextualizar sua manifestação em instituições educativas. Espera-se que essas especificidades e a análise das produções colaborem para a identificação de indícios de *bullying* no contexto escolar e estimulem a adoção de medidas preventivas e ações que combatam as práticas existentes. Pretende-se, portanto, colaborar para que um processo ainda muito velado e invisível se torne cada vez mais passível de diagnósticos e de intervenções que motivem a sua superação.

***Bullying*: conceito e manifestação**

O contexto escolar é, depois do ambiente familiar, o espaço de maior convívio social, caracterizando-se como um cenário de destaque em relação à manifestação de comportamentos violentos (Martins e Mello Jorge, 2011). É nesse cenário que a violência tem se tornado cada vez mais comum (Francisco e Libório, 2009, Ruotti, Alves e Cubas, 2007), afetando, especialmente, jovens e adolescentes.

Entre tais práticas violentas, situa-se o *bullying*, um fenômeno com características específicas que o distingue de outros comportamentos não desejáveis. Almeida (2008) lembra que o *bullying* vai além de brincadeiras turbulentas, em que se verificam sinais de prazer e diversão em todos os envolvidos, ou de atos de insubordinação, indisciplina, agressividade e comportamentos antissociais, pois eles não envolvem atitudes persistentes de intimidação, controle e domínio contra uma vítima incapaz de se defender.

Olweus (2004), Rigby (2002) e Smith (2004) definem o *bullying* como um tipo de violência que se caracteriza pelo uso intencional e repetido de ações violentas, utilizadas para intimidar, que se manifesta de maneira unidirecional, demonstrando um desequilíbrio de poder, pois a vítima é incapaz de se defender. Fante (2005) reforça a situação de impotência do agredido, que não consegue se proteger por não ser tão forte quanto o agressor ou por possuir características psicológicas ou físicas que o tornam alvo de discriminação. Na mesma direção, Lopes Neto (2005) indica que o *bullying* caracteriza-se por atos repetidos de opressão, tirania, agressão e dominação de pessoas ou grupos sobre outras pessoas ou grupos, que ficam subjugados à força dos primeiros.

Sua manifestação pode ocorrer por meio de diferentes dimensões, tais como as apontadas por Fante (2005) e pelo Observatório da Infância (2008), registradas no Quadro 1.

Dimensão	Agressões
Física	bater, chutar, beliscar
Psicológica	intimidar, ameaçar, perseguir
Verbal	apelidar, xingar, zoar, insultar
Moral	difamar, caluniar, discriminar
Sexual	abusar, assediar, insinuar
Material	furtar, roubar, destroçar pertences
Virtual	zoar, discriminar, difamar, por meio da <i>internet</i>

Quadro 1. Dimensões e atos envolvidos no *bullying*
Adaptado de Fante (2005) e do Observatório da Infância (2008)

Complementando a indicação de atos envolvidos no *bullying*, Rolim (2008) destaca que as agressões podem envolver comentários racistas, homofóbicos, de diferenças religiosas, físicas, econômico-sociais, culturais, morais e políticas. Há, portanto, uma amplitude de agressões que conotam as diferentes faces do *bullying*.

Além de acontecer presencialmente, Berger (2007) lembra que o *bullying* pode ocorrer também por vias eletrônicas, utilizando diferentes recursos tecnológicos disponíveis. Esse tipo de manifestação é conhecido como *bullying* eletrônico ou *cyberbullying*.

Identificando agressor e vítima do *bullying*

Nas manifestações do *bullying*, participam aqueles que se posicionam no papel de agressor ou no de vítima, bem como possíveis testemunhas. Ocupando posições diferenciadas, esse público apresenta características diversas, que facilitam a manifestação do fenômeno e exigem uma atenção intensa, especialmente de pais e de profissionais das instituições educacionais, para o diagnóstico, prevenção e erradicação do *bullying*.

Boulton e Smith (1994) situam o agressor como aquele que, frequentemente, implica com os outros, agride-os ou provoca situações desagradáveis sem uma razão aparente. Ele geralmente é mais alto, forte, agressivo e não cooperativo (Harris e Petrie, 2002).

Alguns agressores apresentam desvios de comportamento antissociais. São narcisistas, com opiniões positivas sobre si mesmos. Tem satisfação em dominar, controlar e necessitam de poder. Em grande parte dos casos, são populares em suas escolas e lideram algum grupo. Possuem maior tendência para apresentarem comportamentos de risco, como o uso de tabaco, álcool, drogas, porte de armas e até

marginalidade (Cantini, 2004). Defende-se que, apesar de esses indivíduos terem comportamentos agressivos, são muitas vezes inseguros, sofrem de ansiedade e baixa autoestima (Isernhagen e Harris, 2004).

A vítima de *bullying*, por sua vez, é aquela criança ou adolescente que são constantemente agredidos pelos colegas e, geralmente, não conseguem cessar ou reagir aos ataques (Lopes Neto, 2005). São mais vulneráveis em particularidades físicas, comportamentais e emocionais. Pode-se citar, entre elas, o fato de a vítima ter poucos amigos, ser passiva, retraída e possuir baixa autoestima (Cantini, 2004).

As vítimas são constantemente abusadas, caracterizando um comportamento social inibido, passivo ou submisso. Costumam sentir vulnerabilidade, medo ou vergonha intensa e redução da autoestima, aumentando a probabilidade de vitimização continuada (Middelton-Moz e Zawadski, 2007).

São impopulares entre os alunos e muitas vezes possuem um alto índice de rejeição na escola. São mais frágeis, inseguras, e geralmente reagem com tristeza ou choro. Podem ser depressivas, ansiosas e inoportunas, procurando humilhar os colegas para encobrir suas limitações. Podem também apresentar dificuldades com o comportamento impulsivo, reatividade emocional e hiperatividade (Lopes Neto, 2005).

As vítimas de *bullying* possuem até três vezes mais chances de sofrerem com dores de cabeça e abdominais, até cinco vezes mais chances de terem insônia e até duas vezes e meia mais chances de experimentarem enurese noturna, quando comparadas às crianças que não são vítimas (Rolim, 2008). Essas reações indicam o quanto o *bullying* é agressivo e destrutivo.

O bullying no contexto escolar

A escola é um contexto de manifestação do *bullying*, apesar do alerta de Monteiro (2008) de que há instituições que não admitem a ocorrência, possivelmente por desconhecerem o problema ou porque se negam a enfrentá-lo, sendo as que, provavelmente, apresentam uma incidência mais expressiva do fenômeno, já que não existem políticas de prevenção ou erradicação.

Entre os estudos que buscam evidências de *bullying* no contexto escolar, destaca-se o realizado por Fleming e Jacobsen (2009), que avaliaram a relação entre *bullying* e sintomas depressivos em 8.131 estudantes chilenos de 13 a 15 anos. Os resultados indicaram que estudantes que admitiram sofrer *bullying* eram mais propícios a apresentarem sintomas depressivos e a não terem amigos, quando comparados com os que não sofriam *bullying*. Sourander, Helstelä, Helenius e Piha (2000), por sua vez, investigaram 898 crianças finlandesas quando tinham 8 anos e, posteriormente, quando estavam com 16 anos. Autorrelatos que indicavam altos níveis de sintomas depressivos (baixa autoestima, imaturidade, solidão, baixa habilidade de resolução de problemas)

foram correlacionados, 8 anos depois, tanto com a autoria quanto com o fato de serem alvo de *bullying*.

Nos Estados Unidos, um estudo realizado por Orpinas e Horne (2006) identificou que 41% dos estudantes indicaram terem sido vítimas de *bullying*. Já no interior de São Paulo, estudos realizados por Fante (2005) constataram que cerca de 49,8% dos alunos se envolveram em condutas de *bullying*, e, dessa porcentagem, 22,4% foram vítimas, 14,9%, agressores e 12,83% figuraram em ambas as posições. Esse estudo também indicou que, entre os comportamentos de maior prevalência, estavam os maus-tratos verbais, predominando os apelidos pejorativos e as gozações, e o local de maior incidência em todos os estudos foi a sala de aula.

Fante (2005) alerta que a grande incidência de *bullying* constatada em diferentes pesquisas pode ser um indicador da dificuldade dos docentes em distinguir o *bullying* de outros comportamentos próprios da idade entre os escolares. Essa situação pode contribuir para que os casos de *bullying* não sejam identificados e acarreta um falso diagnóstico da realidade escolar, perpetuando a violência em seu interior.

Além de saber como o fenômeno se manifesta, é necessário que a equipe gestora, os docentes e profissionais técnicos das escolas conheçam diferentes estratégias para identificação dos agressores e das vítimas, e as consequências que o fenômeno pode provocar. Também é necessário encorajar as testemunhas, que podem desvelar esse fenômeno de alta expressão no contexto escolar.

A inclusão do tema em programas formativos e nas políticas da escola, portanto, é uma condição que serve de alerta para o diagnóstico, prevenção e erradicação. Para tanto, cada instituição educacional precisa contextualizar a sua realidade e traçar políticas personalizadas, pois, conforme alertam Freire e Aires (2012, p. 56), cada escola apresenta especificidades que permeiam as relações construídas entre seus membros e, por isso, “... o bullying também irá se apresentar de formas diferentes em cada contexto, não devendo, portanto, ser avaliado de modo descontextualizado.”

Prever políticas que incluam a formação dos profissionais que atuam no âmbito escolar e ampliar as possibilidades de acesso para a comunidade externa é uma das estratégias que facilitarão que um assunto ainda pouco explorado seja desvelado e a realidade seja transformada. É necessário entender, nesse processo, que o *bullying* é uma manifestação de violência e, ao ocorrer no contexto escolar, requisita a devida atenção. Situá-lo como um ato violento significa posicioná-lo entre tantas outras violências que, para Mendes (2011), estão em ascensão no contexto escolar, provocando um clima de insegurança que gera maiores possibilidades para o insucesso escolar, comprometimentos físicos e emocionais e sentimentos de insatisfação com a vida.

Além de gestores, docentes e técnicos, o papel do psicológico é fundamental nesse processo. Seu trabalho pode contribuir tanto para a prevenção como para o enfrentamento da violência escolar, colaborando para a construção de relações mais saudáveis no âmbito das instituições de ensino (Macedo, Martins, Cainé, Macedo e Novais,

2014) que as tornem lugares seguros e promotores do bem-estar de todos que as frequentam.

As consequências do *bullying*

O *bullying* traz sérias consequências para todos os envolvidos, seja para o autor/agressor, o alvo/vítima ou a testemunha/expectador. Aquele que provoca, que sofre ou que assiste, portanto, está exposto a repercussões, entre as quais as mencionadas na sequência.

É possível pensar que, para agressores/autores, pelos quais se entende serem indivíduos que praticam o *bullying*, não existem consequências negativas, pois de certa forma seriam “vencedores”. Porém, eles têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e violentos, sendo possível a adoção de atitudes delinquentes e/ou criminosas (Lopes Neto e Saavedra, 2003).

As consequências para vítimas/alvos – indivíduos que sofrem com o *bullying* e que, habitualmente, vivem situações permeadas por dificuldades, passando por intensas humilhações – acabam sendo maiores. De acordo com Silva (2010), os problemas mais comuns encontrados são:

- a) sintomas psicossomáticos: cefaleia, cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas, diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, sensação de ‘nó’ na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular, formigamentos;
- b) transtorno do pânico: quando o indivíduo é tomado por uma sensação enorme de medo e ansiedade, sem razão aparente;
- c) fobia escolar: medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar;
- d) fobia social: quem sofre de fobia social padece de ansiedade excessiva e persistente, com temor exacerbado de se sentir o centro das atenções ou de estar sendo julgado e avaliado o tempo todo. Com o tempo, passa a evitar qualquer evento social;
- e) transtorno de ansiedade generalizada (TAG): caracteriza-se por uma sensação de medo e insegurança persistente. Preocupa-se com todas as situações ao seu redor, desde as mais delicadas e importantes até as mais corriqueiras;
- f) depressão: trata-se de uma doença que afeta o humor, os pensamentos, a saúde e o comportamento. Os sintomas mais característicos de um quadro depressivo são: tristeza, ansiedade ou sensação de vazio, sentimento de culpa, insônia ou excesso de sono, sentimentos de desesperança e pessimismo;
- g) anorexia e bulimia: são os transtornos alimentares mais relevantes em nosso contexto sociocultural. A anorexia nervosa se caracteriza pelo pavor que a

pessoa tem de engordar. Já a bulimia nervosa, pela ingestão compulsiva e exagerada de alimentos.

Existem ainda quadros menos frequentes, como suicídio e homicídio. As vítimas entram em uma situação desesperadora, chegando ao extremo para terminarem com tal sofrimento e humilhação. Silva (2010) deixa claro que os problemas relatados, em sua maioria, apresentam uma marcação genética considerável, podendo a vulnerabilidade de cada indivíduo, aliada ao ambiente externo, às pressões psicológicas e às situações de estresse prolongado, deflagrar transtornos graves que se encontravam, até então, adormecidos. O *bullying*, portanto, pode levar a quadros clínicos que exijam cuidados médicos e psicológicos extremos, para que sejam minimizados ou superados.

As testemunhas, que são indivíduos que não sofrem nem praticam *bullying*, mas estão presentes em locais onde a violência acontece, sentem-se inseguras em relação ao que fazer diante da situação presenciada, resultando na falta de iniciativa e autonomia para encontrar uma solução. Geralmente, elas apresentam dificuldades para tomarem decisões, pois, dependendo dos resultados, poderão passar a ser incorporadas ao rol das vítimas.

Em síntese, alvos, autores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais a curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades sociais, emocionais e de outra ordem. É um tipo de violência cuja capilaridade das consequências é vasta e difícil de ser mensurada.

Metodologia da pesquisa

Entre as publicações relacionadas ao *bullying*, parte está disponível na base de dados SciELO, responsável pela difusão de pesquisas realizadas no contexto brasileiro e internacional. Para proceder a análise dos estudos disponíveis na referida plataforma, optou-se pelos métodos bibliográfico e comparativo e pelas abordagens qualitativa e quantitativa.

O primeiro método tem como fonte os estudos precedentes, publicados especialmente em livros, artigos científicos, dissertações e teses. Gil (2006, 65) alerta que, "... Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas...".

No caso desta pesquisa, ao se inserir o termo *bullying* na base de dados SciELO, foram identificados 51 artigos científicos, dos quais foram selecionados 10, em função da adoção destes critérios: inclusão do termo *bullying* no título, ampliando possibilidades de difusão da terminologia, e envolvimento do contexto escolar ou de profissionais que nele atuam. Além disso, foram excluídos os textos não publicados em língua portuguesa.

O outro método, que pode ser usado para fins diferenciados, tais como comparar sociedades em diferentes estágios de desenvolvimento (Marconi e Lakatos, 2006), foi utilizado, nesta pesquisa, para confrontar aspectos como as universidades de origem e a área de vínculo dos periódicos. Também foi útil para comparação dos conceitos de *bullying* discutidos nos artigos analisados.

O uso da abordagem qualitativa possibilitou a análise de informações subjetivas, implícitas nas produções, como as especificidades dos conceitos de *bullying* destacados nas publicações analisadas. Essa abordagem é fundamental para a compreensão de particularidades, possibilitando a exteriorização da subjetividade, sem a necessidade de assegurar a homogeneidade dos resultados. Portanto, responde a questões mais particulares, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes e, dessa forma “... corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (Minayo, 1992, p. 23). A abordagem qualitativa difere da quantitativa “... à medida que não emprega um instrumento estatístico como base do processo de análise de um problema.” (Richardson, 1999, p. 79).

Para delimitação das instituições de vínculo dos autores, ano de publicação dos artigos científicos e outras dimensões de análise, foi utilizada a abordagem quantitativa, a qual tem, entre seus pressupostos básicos, a “... busca pela objetividade mediante o desenvolvimento de técnicas que situem os dados à margem dos significados, interpretações e valores da sociedade e dos investigadores.” (Cardona, 2002, p. 29). A referida abordagem “... pretende tomar a medida exata dos fenômenos humanos e do que os explica... Conseqüentemente, deve escolher com precisão o que será medido e apenas conservar o que é mensurável de modo preciso...” (Laville e Dionne, 1999, p. 43).

Na análise das 10 produções selecionadas, foram consideradas as seguintes categorias: periódico de publicação; ano de publicação; instituições universitárias brasileiras de origem dos autores; temáticas implicadas; conceitos de *bullying* referenciados; e autores consultados. Optou-se por elas em função das possibilidades que oferecem para contextualizar os estudos que tratam do *bullying* no contexto escolar brasileiro e das especificidades que permitem identificar que preocupações permeiam as pesquisas publicadas na base de dados SciELO, atendendo, dessa forma, aos objetivos propostos neste estudo.

Resultados e discussão

No Quadro 2 e nos quatro gráficos incluídos na sequência, foram registrados os autores dos artigos científicos e a instituição de origem, o ano e periódico de publicação e a principal temática implicada. Essas informações colaboram para situar os pesquisadores que têm o *bullying* no contexto escolar como temática de pesquisa, os

contextos de produção e as preocupações que norteiam os estudos brasileiros analisados, publicados na língua portuguesa.

São 28 pesquisadores envolvidos nas publicações analisadas, distribuídos em 12 universidades brasileiras, das quais sete são vinculadas ao sistema federal, três, ao estadual, e dois, ao religioso. Prevaecem, portanto, percentuais de produção mais elevada nas universidades federais, conforme explicitado no Gráfico 1.

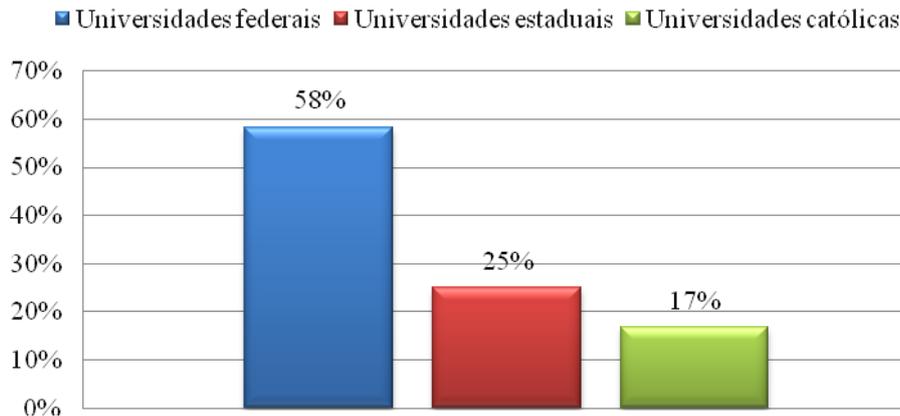


Gráfico 1. Instituição de vínculo dos autores dos artigos científicos

A maioria dos periódicos é vinculada à área da Psicologia e da Educação, ainda que exista também uma publicação em uma revista que envolve a pediatria e outra que abarca o esporte. Dos artigos analisados, três foram publicados em revistas da área da Psicologia, dois, na área da Educação e dois, em revistas que articulam as duas. Os outros três foram publicados em periódicos vinculados à saúde, sendo dois deles em áreas específicas, conforme registrado no Gráfico 2.

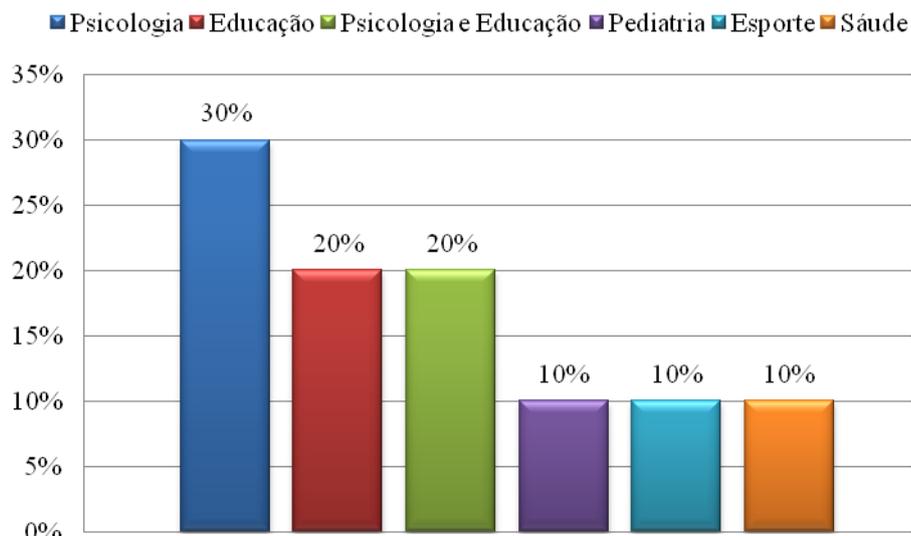


Gráfico 2. Área de vínculo dos periódicos

As publicações analisadas são significativamente recentes, sendo duas de 2014, duas de 2013, três de 2012, uma de 2011, uma de 2009 e uma de 2008. Detecta-se, portanto, que há uma produção mais expressiva nos anos mais recentes.

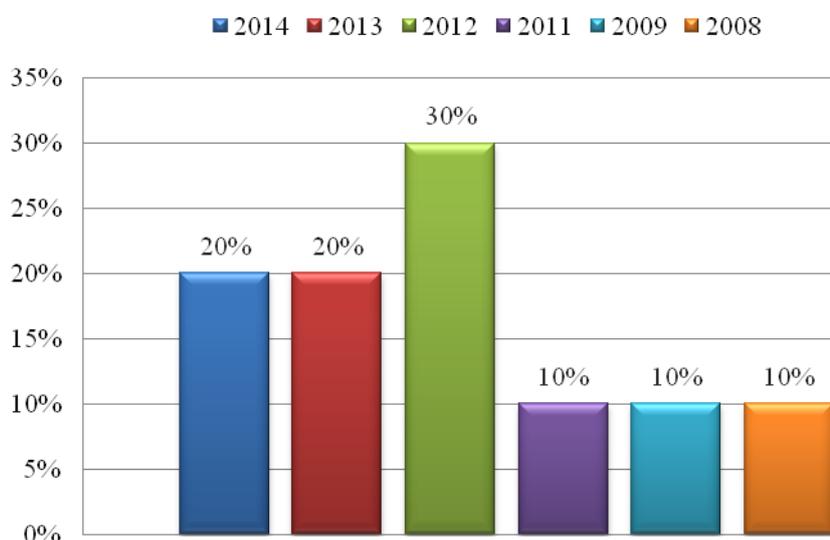


Gráfico 3. Ano de publicação dos artigos científicos

Quanto às temáticas centrais das publicações, três artigos tratam da prevalência do *bullying*, três, da manifestação, consequências e outros aspectos que envolvem a caracterização do *bullying*, dois, da formação e percepção docente, um, da relevância da Psicologia Educacional e um, da relação entre *bullying* e drogas (Gráfico 4). Os artigos científicos discutem temáticas bastante diversificadas, ampliando a possibilidade de difusão de vários aspectos que envolvem o *bullying* no contexto educacional.

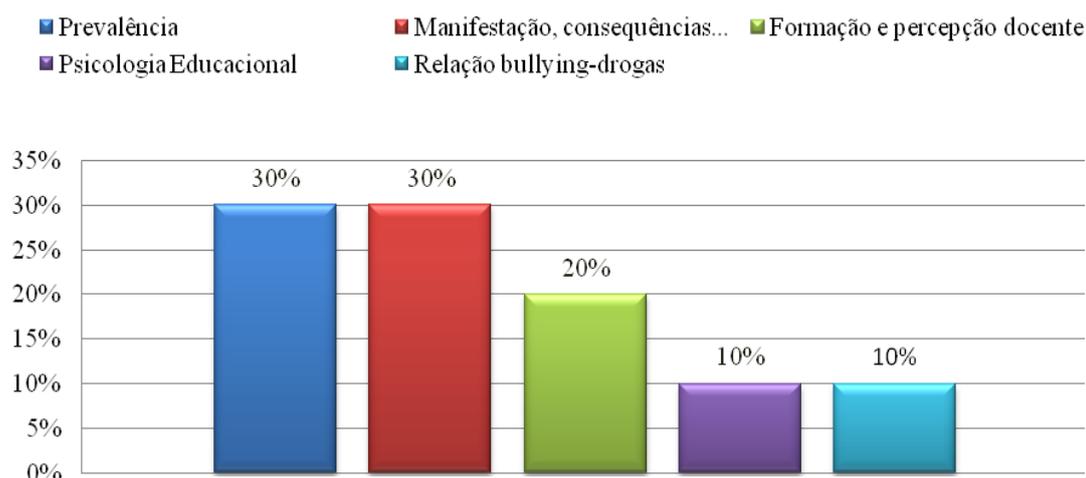


Gráfico 4. Temáticas abordadas nos artigos científicos

No Quadro 2, os aspectos inseridos nos gráficos são sistematizados, ampliando possibilidades para situar as instituições, os periódicos e as temáticas. No caso das instituições universitárias, pode ser observado, por exemplo, que duas publicações são

vinculadas à Universidade Federal de São Carlos. Destaca-se também que, apesar de não haver registros no quadro de instituições internacionais e de sistemas governamentais, em função da identificação não ter sido objetivo deste estudo, uma publicação envolve autores vinculados à Secretaria de Estado da Educação de São Paulo e à Dalshousie University.

Autores	Periódico	Ano	Instituição	Temáticas
Dalosto e Alencar	Revista Brasileira de Educação Especial	2013	Universidade Católica de Brasília	Prevalência de <i>bullying</i> entre alunos com altas habilidades/superdotação
Weimer e Moreira	Revista Brasileira de Ciências e Esporte	2014	Universidade Federal de Mato Grosso	Manifestações e consequências do <i>bullying</i> nas aulas de Educação Física
Francisco e Libório	Psicologia: Reflexão e Crítica	2009	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	<i>Bullying</i> entre escolares do Ensino Fundamental
Silva e Rosa	Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional	2013	Universidade Federal de Pernambuco	O <i>bullying</i> e a formação docente
Freire e Aires	Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional	2012	Universidade Federal do Maranhão	A contribuição da Psicologia Escolar no enfrentamento do <i>bullying</i>
Antunes e Zuin	Psicologia & Sociedade	2008	Universidade Federal de São Carlos	A historicidade, classificações, causas e determinantes do <i>bullying</i>
Moura, Cruz e Quevedo	Jornal de Pediatria	2011	Universidade Federal de Pelotas e Universidade Católica de Pelotas	Prevalência e características de escolares vítimas de <i>bullying</i>
Forlim, Stelko-Pereira e Williams	Estudos de Psicologia	2014	Universidade Estadual do Ceará e Universidade Federal de São Carlos	Relação entre <i>bullying</i> e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental
Costa, Souza e Oliveira	Educação e Pesquisa	2012	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	A percepção dos professores quanto ao <i>bullying</i> relacionado à obesidade
Andrade, Yokota, Sá, Silva, Araújo e outros	Cadernos de Saúde Pública	2012	Universidade de São Paulo	Relação entre violência física, consumo de drogas e <i>bullying</i> entre adolescentes escolares

Quadro 2. Contextualização das publicações analisadas

No Quadro 3, são incluídos os principais conceitos de *bullying* utilizados nos artigos, bem como os seus autores e anos que publicaram a definição. Observa-se que existe uma predominância à inclusão do conceito de Fante (2005, 2008), o qual foi utilizado em três publicações. Além do conceito desse pesquisador, foram incluídos mais cinco, de autores diferenciados, cujas especificidades são discutidas na sequência do referido quadro.

Categoria	Conceito	Autores
Dalosto e Alencar	Formas de comportamentos agressivos – intencionais e repetidos – que ocorrem sem motivação evidente, praticadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando sofrimento e angústia nas vítimas, sendo que essa prática normalmente ocorre dentro de uma relação desigual de poder ou força.	Fante (2005)
Weimer e Moreira	Um comportamento danoso, contínuo por certo tempo, em que a vítima se vê sob o poder de seu agressor graças ao poder exercido sobre ela, seja de tamanho, força, idade ou gênero.	Weinhold (2000)
Francisco e Libório	----	---
Silva e Rosa	Caracterizado pela ocorrência de ações agressivas, intencionais, repetitivas e sem motivação aparente que causam dor, angústia ou intimidação.	Fante (2005)
Freire e Aires	Ações agressivas e gratuitas contra uma mesma vítima, que ocorrem num período prolongado de tempo e são marcadas pelo desequilíbrio de poder.	Fante (2005 e 2008)
Antunes e Zuin	Um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, como chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir. Ele ocorre entre colegas sem motivação evidente, e repetidas vezes, sendo que um grupo de alunos ou um aluno com mais força, vitimiza um outro que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender.	Lopes Neto (2005), Martins (2005), Rigby (2002), Smith (2002)
Moura, Cruz e Quevedo	Uma prática encontrada em todas as culturas e acarreta sofrimento psíquico, diminuição da autoestima, isolamento, prejuízos no aprendizado e no desempenho acadêmico.	Due, Holstein, Lynch, Diderichsen, Gabhain, Scheidt et al. (2005)
Forlim, Stelko-Pereira e Williams	Circunstâncias nas quais um indivíduo é exposto repetidamente por pares a ações negativas intencionais, que podem ser de natureza física, psicológica ou sexual.	Olweus (1993)
Costa, Souza e Oliveira	Uma forma de violência que geralmente ocorre em escolas ou em ambientes de trabalho. No contexto educacional, refere-se a um estudante que é repetidamente exposto a atos negativos por outros estudantes, com a intenção de ferir ou machucar.	Whitney e Smith (1993)
Andrade, Yokota, Sá, Silva, Araújo e outros	----	---

Quadro 3. Conceito de *bullying* destacado nas publicações analisadas

O conceito de Fante, publicado em 2005 e em 2008, predomina entre os artigos científicos analisados. Apesar das especificidades nas formas utilizadas pelos autores, os três registros referentes ao conceito por ele abordado associam o *bullying* a comportamentos agressivos contínuos. Além disso, os dois primeiros artigos incluem a intencionalidade ao praticar o ato, caracterizando uma forma de expressar poder que provoca dor e angústia, sem haver, contudo, uma motivação aparente.

O conceito de Weinhold, publicado em 2000, posiciona o *bullying* como um comportamento danoso e reforça a visão de Fante sobre o caráter continuado e a relação de poder existente. Não há, portanto, divergências significativas entre os dois autores.

Na mesma linha, pode ser situado o conceito de Lopes Neto, publicado em 2005, o de Martins, de 2005, o de Rigby, divulgado em 2002, e o de Smith, de 2002. Contudo, esses autores mencionam o *bullying* praticado por grupos, destacando também alguns comportamentos que podem estar presentes no ato, como empurrar, apelidar, discriminar e excluir.

O conceito de Due, Holstein, Lynch, Diderichsen, Gabhain, Scheidt e outros autores, publicado em 2005, posiciona o *bullying* como um comportamento que ocorre em qualquer cultura. Eles também destacam consequências da prática do *bullying*, entre as quais a diminuição da autoestima, o isolamento, prejuízos no aprendizado e no desempenho acadêmico.

Já o conceito de Olweus, de 1993, evidencia a continuidade e a intencionalidade do ato, incluindo sua natureza, que pode ser física, psicológica ou sexual. Destaca o *lôcus* de manifestação do *bullying*, situando as escolas e os ambientes de trabalho como contexto de manifestação. Especificamente no contexto educacional, refere-se à vítima como um estudante que é repetidamente exposto a atos negativos por outros estudantes, com a intenção de ferir ou machucar.

Em dois dos artigos científicos analisados, o conceito de *bullying* não foi registrado com tanta evidência como nos demais, ainda que o fenômeno tenha permeado toda a estruturação da publicação. Destaca-se também que a análise dos conceitos aqui realizada não representa uma exploração profunda de tais conceitos, tampouco inclui todos os aspectos discutidos pelos autores dos artigos científicos analisados. A intenção, em contrapartida, é dar visibilidade a especificidades que envolvem o *bullying*, visando deixá-lo mais evidente, para que se torne mais passível de ser identificado em contextos escolares.

Nesse sentido, destaca-se seu caráter agressivo e contínuo, intencionalmente marcado pelo interesse de ferir ou machucar, ainda que a motivação não seja explícita. Da mesma forma, a comunidade escolar precisa estar consciente de que o *bullying* é um comportamento violento que pode ser praticado individualmente e em grupo e resultar em consequências que influenciam na redução da autoestima, provocando isolamento e afetando o rendimento escolar, ou até mesmo em consequências mais graves, entre as quais está o suicídio.

Considerações finais

A análise dos 10 artigos científicos que articulam o *bullying* com o contexto escolar em seus títulos possibilita a constatação de uma série de evidências sobre a contextualização dos estudos e sobre o próprio fenômeno, cuja invisibilidade e a forma velada de seu trato no contexto escolar explicam, de certa forma, a grande incidência e os resultados extremos provocados pela sua manifestação.

O estudo de Dalosto e Alencar (2013), por exemplo, resgata a pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), ocorrida em escolas do município do Rio de Janeiro, quando foi constatado que 40,5% dos alunos entrevistados admitiram ter estado diretamente envolvidos em atos de *bullying* no ano em que os dados foram coletados. Outro estudo, publicado em 2012 por Bandeira e Hutz, apontou um índice de envolvimento, entre 465 estudantes de nove a 18 anos, de 67,5% no papel de vítima e 54,7% no de agressor.

Escolhidos, geralmente, em função das especificidades que apresentam (Lopes Neto, 2005), os alvos sofrem as consequências de uma prática de violência sistemática. Em decorrência, quanto menos abertura existir nas escolas para a discussão e o investimento em políticas de prevenção e combate, mais estudantes sofrerão com um comportamento praticamente invisível, mas que deixa sequelas profundas.

O caráter de continuidade presente em parte dos conceitos destacados pelos autores dos artigos científicos analisados revela que o *bullying* é, muitas vezes, um fenômeno velado, que requisita um olhar sensível, para que os indícios sejam evidenciados. Nesse sentido, práticas pedagógicas que privilegiam a competição, destacando os que mais facilmente memorizam o conteúdo e subestimando os que apresentam outras potencialidades, são menos favoráveis à eliminação do *bullying*, pois privilegiam parte dos estudantes.

Diante disso, a condição recente de publicações dos artigos analisados é alentadora, por indicar uma preocupação atual, mas, ao mesmo tempo, indica que o início do desvelamento ainda precisa percorrer um longo caminho. São necessários mais estudos e uma amplitude cada vez maior de instituições universitárias e de educação básica envolvidas em pesquisas e em políticas educacionais que tratem do fenômeno com profundidade.

O envolvimento de universidades vinculadas a três sistemas diferenciados, em contrapartida, pode colaborar na difusão dessas pesquisas e na geração de intervenções, porque abrangem diferentes contextos da realidade brasileira. Da mesma forma, as temáticas veiculadas nos estudos analisados abrigam especificidades que revelam, ao mesmo tempo, a amplitude do fenômeno e as ramificações que a pesquisa vem proporcionando. Nessa direção, ao se discutirem a prevalência do *bullying*, sua manifestação, consequências e outros aspectos que envolvem a sua caracterização, bem como a formação e percepção docente, a relevância da Psicologia Educacional e a

relação entre *bullying* e drogas, conota-se a necessidade de inserção de uma perspectiva inter e transdisciplinar nas ações voltadas para o diagnóstico e intervenção.

É preciso, portanto, juntar forças e canalizar energias, ampliar os debates e revelar um lado ainda oculto do contexto escolar. Esse fenômeno tenderá ao esvaziamento, se toda a comunidade escolar tiver consciência de que, mesmo oculto, ele está muito presente e somente será superado, se for revelado e trabalhado atentamente.

Referências

- Almeida, A. M. T. (2008). *Bullying: teoria, investigação e programas de intervenção*. Trabalho apresentado no Curso de Bullying: teoria, investigação e programas de intervenção, Florianópolis.
- Andrade, S. S. C. A., Yokota, R. T. C., Sá N. N. B., Silva, M. M. A. Araújo, W. N. et al. (2012). Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cad. Saúde Pública*, 28(1), 1725-1736. Recuperado em 20 de janeiro de 2014, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2012000900011>.
- Antunes, D. e Zuin, A. Á. S. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicol. Soc.* 20 (1), 33-41. Recuperado em 27 de fevereiro de 2014, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100004>.
- Bandeira, C. de M. e Hutz, C. S. (2010). As implicações do *bullying* na autoestima de adolescentes. *Revista Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 131-138. Recuperado em 24 de janeiro de 2012, de <http://abrapee.files.wordpress.com/2012/02/14-1.pdf>
- Berger, K. S. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, 27, 90-126.
- Boulton, M. J. e Smith, P. K. (1994). *Bully victim problems in middle-school children: stability, self-perceived competence, peer perceptions and peer acceptance*. Recuperado em 20 de março de 2013, de <http://www.ector.colorado.edu>.
- Cardona, M. C. (2002). *Introducción a los métodos de investigación en educación*. Madri: Eos.
- Catini, N. (2004). *Problematizando o bullying para a realidade brasileira*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, Campinas.
- Costa, M. A. P., Souza, M. A. e Oliveira, V. M. (2012). Obesidade infantil e bullying: a ótica dos professores. *Educ. Pesqui.* 38(3), 653-665. Recuperado em 15 de março de 2014, de <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022012005000017>.
- Dalosto, M. M. e Alencar, E. M. L. S. (2013). Manifestações e prevalência de bullying entre alunos com altas habilidades/superdotação. *Rev. bras. educ. espec.* 19(.),

- 363-378. Recuperado em 27 de fevereiro de 2014, de <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382013000300005>.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2a ed. Campinas, SP: Veros Editora.
- Fante, C. e Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed.
- Fleming, L. C., e Jacobsen, K. J. (2009). Bullying and symptoms of depression in Chilean middle school students. *Journal of School Health*, 79(3), 130-137.
- Forlim, B. G., Stelko-Pereira, A. C. E Williams, L. C. A. (2010). Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. *Estud. psicol.* 14(31), 3, 367-375. Recuperado em 20 setembro de 2013, de <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166x2014000300005>.
- Francisco, M. V. E Liborio, R. M. C. (2009). Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicol. Reflex. Crit.* 22(2) 200-207. Recuperado em 19 de novembro de 2013, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722009000200005>.
- Freire, A. N. E Aires, J. S. (2012). A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. *Psicol. Esc. Educ.*, .16(1), 55-60. Recuperado em 25 de março de 2014, de <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100006>.
- Gil, A. C. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5a ed. São Paulo: Atlas.
- Harris, S. e Petrie, G. (2002). A studying of bullying in the middle school. *NASSP Bulletin*, 86(633), 42-53.
- Isernhagen, J. e Harris, S. (2004). A comparison of bullying in four rural middle and high schools. *The Rural Educator*, 25(3), 5-13.
- Laville, C.; Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172.
- Lopes Neto, A. A. e Saavedra, L. H. (2003). Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA.
- Macedo; Martins; Cainé; Macedo; Novais (2014), Bullying escolar e avaliação de um programa de intervenção. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, Especial.
- Marconi, M. A e Lakatos, E. M. (2006). *Fundamentos de metodologia científica*. 6a ed. São Paulo: Atlas.
- Martins C. B. G. e Mello Jorge M. H. P. (2011). *Violência contra crianças e adolescentes: contexto e reflexões sob a ótica da saúde*. Londrina: EDUEL.

- Mendes, C. S. (2011). Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Revista de Enfermagem da USP*, 45(3).
- Middelton-Moz, J. e Zawadski, M. L. (2007). *Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre: Artmed.
- Minayo, M. C. S. (1992). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21a ed. Petrópolis: Vozes.
- Monteiro, L. (2008). *Bullying: para combater é preciso reconhecer que ele existe*. Entrevista concedida à jornalista Danielle Bittencourt. Recuperado em 20 de outubro de 2008, de http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=312&var_recherche=bullying.
- Moura, D. R. Cruz, A. C. N. e Quevedo, L. Á. (2011). Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *J. Pediatría*, 87(1), 19-23. Recuperado em 20 de março de 2014, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572011000100004>.
- Observatório da Infância. Bullying: o que todos precisam saber sobre bullying. Recuperado em 07 agosto de 2014, de http://www.observatoriodainfancia.com.br/rubrique.php3?id_rubrique=19.
- Olweus, D. (1979). Stability of aggressive reaction patterns in males: A review. *Psychological Bulletin*, 86, 852-875.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Olweus, D. (2004). The Olweus Bullying Prevention Program: Design and implementation issues and new national initiative in Norway. En P. K. Smith, D. Pepler, e K. Rigby, K. (Eds.), *Bullying in schools: How successful can interventions be?* (pp. 13-36). Cambridge: Cambridge University Pres.
- Olweus, D. (2006). *Conductas de acoso y amenaza entre escolares* (3. ed.). Madrid: Ed. Morata.
- Orpinas, P. e Horne, A. M. (2006). Bullies and victims: a challenge for schools. In: Lutzker, J. R. (Org.). *Preventing Violence: Research and evidence-based intervention strategies*. (pp 147-165). Washington: American Psychological Association.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3a ed. São Paulo: Atlas.
- Rigby, K. (2002). *How successful are anti-bullying programs for schools?* Paper presentado en The Role of School in Crime Prevention Conference, Melbourne, Australia.

- Rolim, M. (2008). *Bullying: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Ruotti, C., Alves, R. e Cubas, V. O. (2007). *Violência na Escola: um guia para pais e professores*. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Silva, A. B. B. (2010). *Bullying: Mentis Perigosas nas Escolas*. Rio de Janeiro: Fontanar.
- Silva, E. N. E Rosa, E. C. S. (2013). Professores sabem o que é bullying?: um tema para a formação docente. *Psicol. Esc. Educ.* 17(2), 329-338. Recuperado em 20 de março de 2014, de <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572013000200015>.
- Smith, P. (2004). Bullying: Recent developments. *Child and Adolescent Mental Health*, 9 (3), 98-103.
- Sourander, A., Helstelä, L., Helenius, H., e Piha, J. (2000). Persistence of bullying from childhood to adolescence: A longitudinal 8-year follow-up study. *Child Abuse & Neglect*, 24(7), 873-881.
- Weimer, W. R. e Moreira, E. C. (2014). Violência e bullying: manifestações e consequências nas aulas de Educação Física escolar. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, 36(1), 257-274. Recuperado em 20 de agosto de 2013, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892014000100017>.

Dados das autoras:

Rosilane Damazio Cachoeira

Centro Universitário Barriga Verde - Unibave

Coordenadora Pedagógica da Educação Básica e Professora do Curso de Pedagogia

Contato: educacaobasica@unibave.net

Marlene Zwierewicz

Centro Universitário Barriga Verde - Unibave

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Contato: marlenezwie@yahoo.com.br

Danielle Engels da Silva

Juliana Cidade Soares

Luana Batista dos Santos

Centro Universitário Barriga Verde - Unibave

Acadêmicas do Curso de Psicologia do Unibave

Data de recepção: 14/09/2014

Data de revisão: 25/10/2014

Data da aceitação: 26/12/2014